

RELATO MÍTICO E AÇÃO NARRATIVA, DO FERREIRO AO FAUSTO

*Jerusa Pires Ferreira**

Resumo

Este trabalho, situado nos quadros da narrativa/conhecimento, enfoca a questão dos relatos tradicionais e ressalta a força dos ofícios tradicionais como vetores transmissivos. Tomando por exemplo as histórias fáusticas e seus vários caminhos impressos/orais, performatizados de um ou outro modo, coloca ênfase nas lendas do *ferreiro* intérprete e agente de transformação.

Palavras-chave

Narrativa; conhecimento; ofícios tradicionais; oralização; o tema do fausto.

Abstract

This paper contributes to studies related to narrative/knowledge. Focusing on the issue of traditional reports, it highlights the strength of traditional trades as transmitter vectors. Taking as an example the Faustian stories and their many printed/oral versions, performed either in one or in the other way, this paper emphasises the legends of the blacksmith, interpreter and agent of transformations.

Key-Words

Narrative; knowledge; traditional trades; oralization; Faustian theme.

Em outubro de 1996, participei do colóquio *Récit et connaissance* (Entretiens. Jacques Cartier, 1996, Université de Montréal et Lumière-Lyon), cuja proposta era pensar a narrativa, o contado, o relato e a sua realização:¹ enquanto vetor e fator de conhecimento, quer no nível coletivo (os valores sociais se articulando graças às narrativas

* Professora do Programa de Pós-Graduação de Comunicação e Semiótica da PUC-SP.

1 A proposta assinada por Alexts Nouss (Université de Montréal) teve a participação de François Laplantine (Université Lumière-Lyon).

fundadoras, míticas ou épicas) ou levando em conta a transformação ocorrida entre os séculos XVI e XVII, quando a ciência relega a narrativa ao domínio da vida privada ou da estética literária.

A proposta do colóquio era então revalorizar e redefinir um conhecimento que escapa às normas da estabelecida racionalidade.

Foram apresentados trabalhos que contemplam histórias de vida e de migração, narrativas de viagens, o universo da memória e o do texto, as hibridizações, a racionalidade antropológica e a narrativa romanesca. Enfim, um laboratório em que a arte de dizer, narrar e performar se reúne a um fluxo de imaginação criadora e renovadora.

Apresentei e pude discutir *Relato mítico e ação narrativa: do Ferreiro ao Fausto*, rastreando a relação dos textos orais impressos. Considerando a importância dos ofícios tradicionais,² construí este texto que tem, em francês, uma versão retrabalhada pela generosidade de meu colega J. B. Martin, da Universidade de Lyon.

Para perceber a significação da existência de histórias ainda vivas que podemos agrupar em ciclos, em que o demônio é enganado ou sai vencedor na tradição oral da América Latina bem como no universo do livro popular de grande circulação, foram estabelecidas algumas relações, tendo em conta a presença dos ofícios tradicionais, a organização do campo religioso, as conquistas da técnica e da ciência e os próprios jogos do relato. Foi preciso, também, considerar as razões e a construção do texto que acolhe as histórias do Fausto,³ muitas vezes associadas ao ferreiro, ao médico, ao mágico, salvo ou condenado. Estão, portanto em causa um conhecimento, a magia e a repressão sob as ações iniciáticas do pacto e da pactuação dramatizada. O que também se constata é a presença de um “grande texto” icônico, um conjunto de representações

2 Cf. “Os ofícios tradicionais — cultura é memória”, *Revista USP*, (29): 102-6, São Paulo, Edusp, 1996. Continuam me inquietando as questões referentes à poética dos ofícios, à transmissão de saberes que se renovam, mas que conservam seus núcleos fundamentais. História e poéticas, inscrevendo-se reciprocamente, ajustando na dimensão de um tempo imemorial os detalhes e procedimentos que têm a ver com o dia-a-dia e com a acumulação de experiências.

3 Publiquei dois livros e alguns artigos sobre este assunto: *Fausto no horizonte* (São Paulo, Educ/Hucitec, 1995) que é um estudo das razões mito-poéticas e das edições populares (tema atualmente em voga); e *O livro de São Cipriano, uma legenda de massas* (São Paulo, Perspectiva, 1992), estudo sobre essa lenda conexas ao tema do Fausto e um inventário das edições populares, onde se misturam narrativas, fórmulas encantatórias e práticas de magia. Apresentei, nos dois livros, uma bibliografia extensa. Atualmente, continuo a pesquisar as literaturas do Fausto, passando por diversos problemas teóricos, relativos à conservação e à transmissão das ações e “saberes” na narrativa.

visuais impressas que confirmam a *figura* do pactário. É preciso também lembrar a presença de uma complexa organização de signos que tem a ver com uma espécie de composto dos saberes. Neste momento, então, será possível falar de transmissão, conquista, desafio.

A narrativa aparece, então, como uma possibilidade que têm estes textos de transmitir todo um sistema de pensar e de imaginar, e a imaginação faz aparecer, a cada momento, o resultado de um jogo muito complexo. De um lado, trata-se de um repertório que não se sabe onde começa, impossível detecção no longo registro da memória. Por outro lado, a inscrição da vida presente propicia a interação dos sentidos: o olho, a boca, o corpo em ato, quando se trata de contar. O presente constrói o seu caminho, em direção, no entanto, a um tempo ilimitado, sem demarcação. A ação narrativa conduz, então, o registro de todo um conjunto de práticas e de hábitos, procurando ligá-los numa história ou num ciclo de histórias conservados em longa duração.

Vê-se, sem dúvida, neste momento, que nos rendemos à importância e vitalidade do relato. Mantêm-se em narração alguns núcleos fundamentais da experiência humana que pelas mais diversas razões se articulam, recriam e se atualizam, conservando-se como uma espécie de princípio ativo. Estas histórias, em prosa ou em verso, nos oferecem o acompanhamento de ações, no quadro de argumentos da criação, como se verá.

É também pertinente explorar os outros níveis para além das operações etnológicas nelas mesmas e considerar a importância da narração e do relato como fenômenos centrais do literário. Pode-se discernir no momento em que vivemos uma espécie de recrudescência do contado e do narrado, ultrapassando o alcance do processo de desconstrução que preconizava a morte da narração e do relato. A força de escritores como Nagib Mafuz, Solomon Rushdie ou Gabriel Garcia Marquez confirma a resistência e atualização da narrativa. O texto que conta coisas cumpre também o seu papel de transmissor de saberes, de experiências e de revelações. Pode-se colocar também em destaque a presença da narrativa mítica no mundo contemporâneo, assim como nos apresenta e discute Eleazar Meletinski no seu livro extraordinário *A poética do mito*,⁴ ao examinar as conexões entre a literatura e suas formas ancestrais e rituais. Assim, ele nos fala dos mais diversos tipos daquilo que ele chama de mitologização do romance contemporâneo, sugerindo-nos uma complexa e dinâmica relação entre vida e morte; memória e esque-

4 *A poética do mito*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro, Forense, 1989.

cimento; espaço e tempo. Observa que são construídas certas espécies importantes de epopéias sob a forma da narrativa.

Constatamos aqui, como em outros lugares, a vitalidade da narrativa, alguma coisa que nos prende, quando tomamos as literaturas orais como objeto de pesquisa. Paul Zumthor, um teórico da vocalidade, engajou-se ele próprio nas aventuras do relato e na arte da narração, procurando integrá-los como uma contra-parte vital indispensável à sua obra teórica. É ele mesmo que nos diz que será possível discernir a diferença entre tradição oral e transmissão oral, colocando em níveis de transmissão e, portanto, de *narrativa em presença*, os graus mais intensos da aventura criativa. Pode-se falar de uma rede de razões mito-poéticas que vão se mantendo vivas a cada nova emissão. É aí que se constata a eficácia transmissiva dos relatos que trazem e comportam os saberes, os mais diversos. A transmissão traz toda uma ordem de conhecimentos recalcados ou heréticos, que vão fabricar uma espécie de “matriz científica”, sobretudo presente em narrativas de temas tradicionais e também nas histórias fáusticas.

Um aspecto deve ser sublinhado: pensar a narrativa implica situar um complexo problema de comunicação. O relato, mesmo se escrito, impresso e transcrito (não podemos esquecer a importância da transcrição) é sempre uma questão de comunicação ou de comunicabilidade, como nos lembra Iuri Lotman em seu livro *Universe of the mind*.⁵

Discutindo textos que são guardados como memória cultural, ele lhes atribui uma reserva de acumulação e de dinamismos, a capacidade de se transformar em memória. Assim, Lotman nos fala de Hamlet, por exemplo, como a memória de todas as suas leituras e interpretações. A memória para ele é composta de mecanismos de informação, seleção e transmissão, não se apresentando como uma atuação unitária, mas se oferece em diversas camadas. O corpo se relaciona com a narrativa pela sua exuberância ou com sua imobilidade; os gestos dão conta do dizer e do fazer da ação narrativa, de silêncios e de pausas.

A significância de tudo aquilo que se necessita para presentificar o que se conta, diz, recita, referenda o que se consegue transmitir ou guardar. Logo, situar-se diante da narrativa significa colocar-se tantas vezes entre o eu e o nós, entre o som e o silêncio, entre a comunicação possível e tudo aquilo que temos a necessidade de decifrar. Isto quer dizer que estamos pensando nos limites das funções poética e comunicativa.

5 Lotman, I. *Universe of the mind, a semiotic theory of culture*. Londres, Tauris, 1990.

A partir da permanência dos textos do Fausto e de toda uma rede conexa nos vários tipos de literatura oral da América Latina, em diversos registros, oral ou oral impresso, tive de percorrer um conjunto que justifica o título dado ao livro que publiquei recentemente, *Fausto no horizonte* (Hucitec/Educ, 1996). Em muitas regiões do Brasil, terreno bem conveniente para conservação e geração de narrativas assim, estas histórias continuam a ser produzidas em suportes impressos, que circulam à maneira da antiga literatura de *colportage*, e por outros meios, como a transmissão vocal ou em drama. Alguns dos nossos livrinhos e narrativas orais populares têm como eixo as histórias de pacto e como personagens os demônios vencidos pela argúcia dos *ferreiros* que, ao fazerem o pacto, assumem como tarefa principal o aprisionamento dos demônios. Cabe-lhes a tarefa de vencer todo tipo de obstáculos: o desafio do tempo que escapa às dimensões de vida humana, dos saberes que lhes conferem o poder dos deuses ou as armadilhas do amor, inexplicável como a morte. Nestas histórias constata-se o compromisso dos personagens para transformar a natureza e o profundo impulso rumo à construção das utopias. Procurei examinar, por exemplo, considerando um conjunto destes livrinhos populares de aproximação fáustica no nordeste do Brasil, a máquina utópica que se fortifica quando se inclui o aprisionamento dos diabos. Tudo parece dirigir-se para paz a mais perfeita. Retirado o mal do mundo cessariam sacrifícios e tormentos. Eu os comparei, quanto à organização da utopia, com alguns textos em prosa da literatura gauchesca da América do Sul, e, mais concretamente, com algumas histórias retiradas da tradição oral e contadas pelo escritor argentino Ricardo Güiraldes.⁶ Elas são como conversas de estrada (relatos de “estradar”, no dizer de Elomar) e que têm por fim fazer a viagem menos penosa. Comparados os dois grupos de relatos, o primeiro em verso, o segundo em prosa, operam do mesmo jeito na construção de uma terra sem diabos, sem tumultos ou malvadezas. No entanto, as mesmas razões sociais, o objetivo de corrigir os erros levam tanto o poeta do primeiro grupo de textos quanto o narrador do segundo a perceber a imobilidade impossível, o não-funcionamento tanto da máquina social como da narrativa. Para eles, e a partir de razões muito fortes, seria necessário recuperar o inferno! Apoiado em razões ancestrais, o *ofício* que faculta a transformação é um *vetor de conhecimento* e também de ações transmissivas muito fortes.

6 Güiraldes, R. *Don Segundo Sombra*. Madri, Aguilar, 1957.

Na tradição ocidental, temos a presença de ciclos e histórias que convencionamos chamar de histórias do demônio vencido pela argúcia (ciclo do demônio logrado). Para o herói, o diabo pode então significar um desafio ou uma contra-parte negociável, seguindo toda uma trama que vai do acordo ao engano. Estamos, portanto, no domínio de crenças que se fazem lúdicas, no campo do jogo da decifração. Tudo parece nos remeter à periodização babilônica, aos mitos de origem à árvore da vida;⁷ uma das situações mais recorrentes é o tópico das Três Idades. Aí se estabelece a relação da idade dos homens e dos metais, aproximando lentamente as mais diversas conquistas.⁸ Estas narrativas constroem uma espécie de história lendária que vai do progressivo acesso às técnicas e à sua dominação ao esforço constante para domar a natureza e o cosmo. As idéias religiosas e cristãs, para Bahktin, associam-se de forma contraditória nas representações populares. O paraíso é o reino utópico da abundância, da paz material e corporal. O objetivo seria, portanto, a idade de ouro sem guerras, lutas, sofrimento. A metáfora dos metais é retomada nestas narrativas. O tempo é periodizado miticamente tanto em regime de tempo visionário, quando o diabo volta a cada cem ou duzentos anos para buscar o pactário, como nos ciclos possíveis compatíveis com a duração da vida humana. Neste caso, o diabo pode aparecer cada dez ou vinte anos depois do pacto para buscar o pactário. Essa periodização aparece, por exemplo, de forma tão explícita e insistente que ela se faz o título de um folheto, *O ferreiro das Três Idades*. Neste quadro encontramos no bojo das narrativas aí compreendidas a presentificação da festa popular, sua essência construída sob os princípios do carnaval da refeição-banquete, da desordem e da turbulência que fazem afastar a paz e introduzir o caos. Neste momento, podemos falar de uma rica e intensa nominação, experiência fundamental que garante à narrativa sua legitimidade. Falamos então de conhecimento, de organização e decifração em processos bem próximos aos que encontramos na cabala. Do folheto mencionado como de muitos outros recebemos um complexo conjunto de apelações do demônio. E esta experiência é de tal modo fundadora que levou a Guimarães Rosa, no seu *Grande Sertão Veredas*,⁹ a explorar uma ampla nomenclatura relativa aos nomes dados ao diabo. Ele reconstruiu, em narrativa, um conhecimento onomástico que per-

7 Scholem, G. G. *A cabala e seu simbolismo*. São Paulo, Perspectiva, 1978.

8 Le Goff, J. "Memória", in *Enciclopédia Einaudi*. Vol 1. Lisboa, Casa da Moeda, 1984.

9 Guimarães Rosa, J. *Grande Sertão Veredas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1965.

demos quando se trata de nossa linguagem corrente. No caso dos folhetos populares,¹⁰ que remetem do ferreiro ao Fausto, pode-se dizer que assistimos a uma interessante construção de personagens em função de suas denominações. Por outro lado, o suicídio do herói ao ver sua impossibilidade de corrigir o social é a recusa da mediania. Estas narrativas recuperam a significação ancestral da rebeldia e da desobediência como ações satânicas: o *ferreiro* se suicida e o Fausto transgredir a coerção.

Num estudo mais amplo sobre o Fausto decidi considerar as narrativas fáusticas em dois grupos: os da salvação, a exemplo dos textos populares brasileiros e católicos como também o Fausto de Goethe e aqueles da danação, como o *Faustbuch* de Johann Spiess, o grande livro popular que circulou na Alemanha, matriz eficaz para a construção fáustica, de Thomas Mann e Marlowe, tão terrível como a morte de seu autor.

Aproximando as duas possibilidades, e em relação ao que se pode chamar da grande narrativa fáustica, constata-se uma espécie de matriz virtual geradora de narrativas sucessivas. Não se trata aqui tanto de um problema de intertextualidade, mas de uma eficaz articulação de mitos e de lendas, de um grande texto comum em diversas possibilidades de expressão. Falaremos então, de um *continuum* em que tudo se faz recriar. Aí confluem lendas anteriores, pagãs, cristãs, judaicas, e a força da tradição gnóstica entre outras. É nesta encruzilhada que se encontram as matrizes poéticas e “científicas”, a fabulação e a transmissão subterrânea dos conhecimentos perseguidos pela igreja, as conquistas e as discussões da medicina, os atos de cura, a magia e a alquimia. E o *ofício tradicional* é o condutor de tudo isto. Considerando a força e a permanência do “grande texto fáustico”, chegamos a uma legenda e ao conjunto conexo que é o de São Cipriano, o mago, que circula em larga escala no nosso continente por meio dos livros e folhetos populares, editados nos grandes centros urbanos e que vão ao encontro das expectativas dos públicos do sertão e das pequenas cidades. Aqui como lá, compreendendo as narrativas de magia referentes ao conjunto fáustico e suas relações com as lendas de ferreiros, mas sobretudo ao livro de São Cipriano, a narração se desenvolve

10 Faço referência a um conjunto muito interessante de folhetos populares: *O ferreiro das Três Idades* de Natanael de Lima, Ed. Luzeiro, 30 p.; *Jesus, São Pedro e o Ferreiro da maldição* de Francisco Sales Arêda. Juazeiro, Ed. Prop. João José da Silva, 16 p.; *Jesus, São Pedro e o ferreiro, Rei dos Jogadores* de Manoel Caboclo e Silva. Juazeiro, 32 p.; *Jesus e o Homem do Surrão Misterioso* de Manoel D’Almeida Filho, Ed. Luzeiro, 32 p.; *História de Jesus e o Mestre dos Mestres* de Manoel D’Almeida Filho, 8 p.; *O velho que enganou o diabo* de José Antonio Torres (Zé Catele), 8 p.; *O Velho que enganou o Diabo* de José Costa Leite, Condado, 8 p.; *A mulher que foi surrada pelo diabo* de Rodolfo Coelho Cavalcante, Salvador, 1976, 8.

comprometendo o visual, o gestual, as representações emblemáticas, os pentáculos e outros signos icônicos que reforçam o verbal e impregnam de atribuições mágicas, as ações trazidas pela narrativa.

Estas histórias de ferreiros, como se disse, em conexão direta com o tecido fáustico, configuram de fato muitas conquistas e também o confronto com os diversos poderes da repressão ou da ordem coercitiva. Mas o que é verdadeiramente espantoso é a articulação que as gera sem cessar, tornando-as vivas no seio das comunidades.

Uma mulher cega e talvez analfabeta de mais ou menos 50 anos, num lugar retirado do sertão do Brasil, canta e conta histórias de ferreiros e de um pactário que poderia se aproximar do Fausto. Um pesquisador gravou sua narrativa. Pela emissão de sua voz, mesmo que não se compreenda a significação lingüística, recupera-se a intensidade vital de uma transmissão mítica sob a mediação de um texto que se constrói com ajuda da materialidade da voz e do corpo. Em causa: dizer, ler, cantar. Pode-se mesmo falar de cantilação, de uma cantilena que ao ritmo da memória vai transmitindo seqüências de uma espécie de reserva fundamental que passa pela dicção de cor, em presença e plenitude. Isto pode conferir uma razão de ser a toda uma existência, tão fraca e em condições pouco propícias.

Tal é a força da narrativa de uma trama que se renova a cada transmissão, conservando, no entanto, núcleos centrais que governam a produção do sentido em etapas orais escritas, impressas e memorizadas. Esta plenitude da narrativa se realiza, na medida em que a voz desta mulher aproxima passado e futuro sem demarcações de uma temporalidade circunscrita, respeitando apenas aquela da narrativa. Como nos sugere Paul Zumthor, sintagma e paradigma se reúnem; uma ordem de razões míticas se conjuga ao ritmo das pulsões corporais. O que se pode dizer é que esta narrativa liga esta mulher cega à sua comunidade ao tempo em que confirma um espécie de reserva de memória de todo um grupo. Um pouco mais tarde, um ano depois de ter recebido a gravação, tive a chance de ouvi-la pessoalmente numa performance inesquecível. Ela se apresentou diante de um auditório universitário, longe de sua aldeia, mas protegida pela decisão de conquistar, pela de sua capacidade de narrar, um espaço de legitimação no terreno dos outros e ela contou cantando sua história, sua poética coletiva e individual. Ela se apresentou em companhia de seu irmão, ele também cego, um extraordinário artesão. Seus instrumentos, construídos a partir de materiais disponíveis e sem valor, apresentavam-se aos nossos olhos como criações fantásticas de formas e cores que nos faziam

pensar nas experiências das vanguardas. Infelizmente a narradora está morta. Recentemente sua voz cessou de dizer histórias de ferreiros, do homem dilacerado entre a obediência e os desígnios da transgressão. Evidencia-se a aventura de conquistar, através de seu ofício, o conhecimento pleno ou a arte e a ciência, alcançando um estatuto que fazia dela alguém diferente dos outros, no limiar da imortalidade.

Digamos que um domínio de observação muito fértil é aquele em que se relacionam as fabulações mito-poéticas, a construção mágica e a “organização científica”. A narrativa fáustica é vista aqui como um laboratório que comporta a descoberta de novos horizontes, encruzilhada em que se instalam as possibilidades de vencer, por exemplo, a repressão que congela toda espécie de experiência humana. Lá nos esperam a revelação ou os atos inaugurais.